



Ficha técnica:

Título: João das Canas – História de Verdade e de Ternura

Autora: Maria Natália Miranda

Capa: Máximo Neto

Ilustrações: Tiago Costa Santos

Design e paginação: Editora Alma Letra

1ª edição, Viseu, abril 2025

Editora Alma Letra

www.almaletra.pt

ISBN: 978-989-9140-25-7

Depósito legal:

Apoio:





João das Canas

História de verdade
e de ternura

Há muito, muito tempo, nasceu num lugar sereno, perto da cidade de Viseu, um menino de grandes olhos curiosos chamado João.

Seus pais viviam da terra que trabalhavam, do nascer ao pôr do sol. Tinham uma cabrinha, a Zelinda, que dava leite para o João e para o seu cabrito, o Zuzu. E tinham também um burrito, chamado Boneco, que puxava a carroça de rodas de pneu com os produtos da terra.

João crescia no meio dos montes, sempre agarrado à Zelinda e ao seu cabritinho. Saltavam, corriam e divertiam-se a rebolar por entre aqueles prados floridos.

João era escuro, alegre e vivo como um lindo ciganito. Eram os calores do verão e os frios do inverno lhe davam aquele tom.

Aguentava tudo. Era forte e estava habituado a todos os climas. Os calções que usava já tinham sido azuis. Agora eram quase brancos do sol e do vento.



Um dia, quando fez sete anos, o pai disse-lhe:

– João, estás na idade de aprender a ler, a contar e a escrever, para um dia seres um homem.

– E quem me vai ensinar, pai?

– O senhor padre Tristão. Preparou lá na igreja uma salinha para receber os pequenos que queiram aprender.

– E quem são?

– O Gonçalo, o Miguel, o Daniel, a Sofia, a Rita, a Silvia e outros. Aprendem o que já te disse, mas também outras coisas.

– Que coisas?

– A ser-se educado, respeitador, a ajudar os que precisam, a saber quem é Deus e o que faz por nós... e quem quiser também pode aprender música.

– Música?

– Pois. A tocar flauta, por exemplo.

– Ai, eu quero!

– Vamos lá então ver como te saís.

– E quando é que começa? – perguntou o João, ansioso.

– Para o mês que vem. Já falta pouco.

No dia marcado, iniciaram-se as aulas.



João era quase sempre o primeiro a chegar e o último a sair. Era inteligente, mas muito distraído. Quando o padre Tristão o interrogava, era raro não o apanhar em falta.

– João – dizia-lhe – onde é que tu estás, rapazinho? Pareces-me sempre longe, fora daqui, de corpo na sala e a cabeça no céu, a construir castelos por essas nuvens fora.

João calava-se, mas o mestre continuava:

– Sabes, se estivesses com atenção, aprendias muito mais. Serias até um bom aluno. Assim... Olha lá, achas que as aulas são aborrecidas?

– Não, não. Até gosto muito de andar aqui com o senhor. Só que, de vez em quando, começo a pensar noutras coisas. Desculpe, mas não é por minha vontade.

– Mas que coisas, gaiato? Não se pode saber?

– Pode, senhor padre. Penso em viagens até onde ninguém foi. Em terras que nunca ninguém viu. Em gente que não come como nós, nem tem a nossa cor. Em mares cheios de monstros e de mulheres lindas com rabos de peixe. E em muitas coisas mais.

